

Do Começo ao Fim: uma entrevista com Josephine Ann Endicott

Josephine Ann Endicott

Tanztheater Wuppertal Pina Bausch – Wuppertal, Alemanha

Marcelo de Andrade Pereira

Universidade Federal de Santa Maria – UFSM, Santa Maria/RS, Brasil



Imagem 1 – Josephine Ann Endicott, em *Die Sieben Todsünden*, Tanztheater Wuppertal Pina Bausch, Wuppertal, 2018. Fonte: Foto de Meyer Originals (copyright).

Em janeiro de 2018, passada quase uma década após sua última encenação, o *ensemble* de Wuppertal reapresentava, em sua sede, a icônica peça de Bertold Brecht e Kurt Weill, intitulada *Die Sieben Todsünden*, coreografada em 1976 por Pina Bausch. No programa do espetáculo constava, ainda, uma segunda parte, chamada *Fürchtet euch nicht*, composta por outras canções do histórico duo. Nas muitas ocasiões da montagem desse espetáculo, 1976, 2009 e 2018, uma presença se fazia constante, dentro e fora do palco: a da bailarina e ensaiadora de origem australiana Josephine Ann Endicott. Membro do *Tanztheater* desde a sua formação, Jo, como costuma ser chamada, manteve uma re-

lação de amizade e parceria muito estreita e prolongada com Pina Bausch, ocupando posições centrais em clássicas encenações, em especial, no já citado espetáculo *Die Sieben Todsünden*, como em *Komm tanz mit mir*, de 1977 e *Kontakthof*, de 1978, de modo a ser até hoje uma das principais transmissoras de seu legado.

Um primeiro encontro com Jo deu-se no Café Moritz, próximo a Lichtburg, onde acontecem os ensaios da companhia, no distrito de Barmen, em Wuppertal. Nesse breve *tête-à-tête*, conversamos informalmente sobre Pina, a montagem em curso, os novos rumos da companhia, entre outras coisas. Seria inútil descrever em palavras a força de sua presença. À guisa de oferecer informações mais precisas e aprofundadas, visto que receava não poder se deter por muito tempo naquele momento, por conta da montagem de *Tödsünden*, Jo preferiu responder às perguntas por escrito. O que segue, nesse sentido, remonta a essa troca de e-mails que se deu no período iniciado em janeiro até abril de 2018, interstício durante o qual, a propósito de ensaios de outras peças de Pina Bausch, Jo havia já passado pela França – lá ficando por volta de dois meses para a montagem de *Orpheus und Eurydike*, de Pina, pelo ballet da Ópera de Paris – que, naquela ocasião, contava também com a presença de Dominique Mercy. Jo é sobremaneira ocupada e, segundo ela mesma, encontra-se muito cansada. Depois de *Orpheus*, Jo tem ainda pela frente muitos compromissos, dentre estes, o mais instigante é a possibilidade de montar *A Sagração da Primavera* na África, com um elenco de bailarinos africanos.

Agradeço, pois, a Jo pelo rico, afetuoso e contínuo diálogo que tem se dado desde nosso primeiro encontro em Wuppertal. Esta entrevista constitui apenas a parte inicial de uma conversa que ainda dará muitos frutos; aqui, ela é quase que um aperitivo. Nos próximos meses, o público brasileiro poderá ouvir mais de Jo e de Pina. Isso, contudo, é assunto para um outro encontro. Mais uma vez, agradeço a imensa gentileza de Eddie Martinez, amigo e parceiro de trabalho, ao oportunizar esta entrevista.

Marcelo de Andrade Pereira – Por que você escolheu ser bailarina?

Josephine Ann Endicott – Eu nunca escolhi ou mesmo quis ser uma bailarina. Parece que isso me escolheu. Eu apenas amo dançar e eu penso ter nascido com esse dom maravilhoso. Quando eu era criança eu costumava chorar muito. Meus dois irmãos me incomodavam continuamente. Meus pais também tinham algumas divergências sobre isso. Com 7 anos, minha mãe me levou até uma escola de balé, em um dos subúrbios perto de minha casa. Os movimentos eram física, rítmica e mentalmente fáceis para mim. Ter aulas me fez feliz. Eu sei que isso soa um pouco como um conto de fadas, mas realmente foi isso – eu parei de chorar.

Marcelo de Andrade Pereira – Por quanto tempo você estudou dança antes de conhecer Pina e entrar na companhia? Como foi o seu treinamento? Você dançou com outra companhia antes da de Pina?

Josephine Ann Endicott – Quando eu tinha 15 anos, meus professores de dança me encaminharam para uma audição na escola mais conhecida da Austrália, o *Australian Ballet School*. Eu fui escolhida como uma das oito melhores garotas de todo o país. A escola era baseada em Melbourne. Eu fiquei muito triste por ter que deixar a minha casa em Sydney, minha mãe, meu pai, irmãos e amigos. Levou séculos para que eu pudesse me adaptar. Eu não conhecia uma pessoa sequer em Melbourne e me sentia muito sozinha.

Meu treinamento foi basicamente clássico – R.A.D. mas também incluiu lições de dança moderna, música, mimo-corpóreo, jazz, atuação, coreologia e *pas-de-deux*. Eu adorava vestir um tutu, com meias rosas e sapatilhas de ponta de cetim rosa. Depois de dois anos na escola, de dois a três dos melhores alunos, entre meninos e meninas, eram então selecionados para entrar no *The Australian Ballet Company*. Aconteceu de eu ser uma das selecionadas, mas depois de quatro anos eu deixei a companhia e voei para Londres. Eu já estava cansada de ouvir quão maravilhosa, talentosa bailarina eu era, mas que o meu rosto era muito arredondado, que talvez eu devesse arrancar alguns dentes para que ele parecesse menor, e também que perdesse alguns quilos, dois ou três. A vida de uma bailarina nunca é fácil para a maioria de nós, eu diria.

Marcelo de Andrade Pereira – Você poderia nos dizer um pouco sobre como foi o início de seu trabalho com Pina? Como você a conheceu? Quando e onde isso aconteceu?

Josephine Ann Endicott – Eu encontrei Pina Bausch pela primeira vez no *Dance Center London*, em Londres, em 1973. Eu tinha 23 anos de idade e Pina tinha 34 anos. Naquela ocasião, Pina havia recém sido indicada para ser diretora do *Wuppertal Ballet* e estava procurando por bailarinos. Eu estava participando de uma aula de balé clássico e aconteceu de Pina estar lá, observando. Eu não fazia ideia de quem ela era – naquele tempo, apenas pessoas do meio conheciam o seu trabalho. Depois da aula, ela falou comigo e me perguntou se eu estava procurando por emprego – o que eu não estava. Porém, dada a forma pouco habitual, autêntica, simples, muito humilde com a qual ela se expressava, a escolha das palavras, a aura ou seu belo e fascinante rosto, com aqueles olhos azuis, suas longas e muito expressivas mãos, aqueles grandes passos que ela dava quando andava ou, talvez, o jeito que ela olhava tão profundamente para mim – vai saber –, por alguma razão eu disse “sim”. Foi realmente um caso de amor à primeira vista, simples assim. Sim! Eu me apaixonei por Pina em 1973 e ela se apaixonou por mim. Conhecer Pina foi algo perfeito. Desde o momento que os nossos olhos se encontraram eu senti que estava sob o seu encanto. Ela me amava como eu era e o que eu era – com ou sem quilos a mais.

Marcelo de Andrade Pereira – Como vocês abordavam uma à outra e trabalhavam conjuntamente?

Josephine Ann Endicott – Com o passar do tempo e dos anos nós parecíamos estar continuamente descobrindo, examinando e trabalhando uma com a outra, encontrando novos caminhos por onde o trabalho nos levava. Pina era a minha líder e eu apenas perseverei, seguindo ela em sua missão, tanto quanto eu podia – ajudando e apoiando ela no seu caminho, tanto como bailarina quanto como assistente – e, obviamente, acreditando nela e em nosso trabalho.

Marcelo de Andrade Pereira – Como você chegou a Wuppertal?

Josephine Ann Endicott – Em 1973, eu voei de Londres a Düsseldorf e então peguei o trem que levava até a uma fria, cinzenta, chuvosa e nada bonita cidade alemã chamada Wuppertal – e mais uma vez sem conhecer uma pessoa sequer, sem falar uma palavra em alemão, sem ter um lugar para ficar e com pouco dinheiro no meu bolso, mas curiosa para finalmente começar essa nova forma de trabalho com Pina.

Marcelo de Andrade Pereira – Como foi o trabalho no início? Você poderia nos dizer um pouco sobre o processo criativo de então? Ele mudou durante o tempo?

Josephine Ann Endicott – Baseada nos sentimentos humanos Pina liberou, renovou, emancipou e revolucionou a alma da estética da dança, permitindo que ela desabrochasse e se disseminasse por muitas direções, ao mesmo tempo em que permitia a seus bailarinos continuarem indivíduos criativos debaixo das suas asas. Com efeito, depois das muitas décadas o trabalho mudou bastante em termos de temas – talvez as peças mais recentes sejam mais leves, mais divertidas. Por volta de 1986, Pina começou a trabalhar em uma série de coproduções com outros países. Isso provou ser uma fonte de grande inspiração para ela e seus bailarinos, moldando suas obras com outras cores, sabores e frescor. A última criação de Pina foi uma coprodução com o Chile, em 2009.

Marcelo de Andrade Pereira – Você poderia nos dizer se houve alguma fase particularmente especial e em caso afirmativo, como foi? Existe algum momento durante esses anos que tenha te marcado e você gostaria de compartilhar?

Josephine Ann Endicott – Ao longo dos anos e das criações que nós fizemos em conjunto eu fui capaz de achar, desenvolver e permitir a mim mesma, ser eu mesma. A dança tem me guiado ao longo da minha vida. Eu tenho agora 68 anos de idade e procuro transmitir isso para a geração mais jovem de bailarinos, na função de diretora de ensaios, com todo o amor, respeito, graça e cuidado que o meu conhecimento me permite, tão perfeitamente quanto possível – as obras mais antigas que eu melhor conheço são *Kontakthof*, *Arien*, *Sacre*, *Orpheus*, *Die sieben todsünden*.

Marcelo de Andrade Pereira – O que te manteve na companhia por tantos anos? Tens algum segredo?

Josephine Ann Endicott – Meu amor e lealdade para com Pina. De alguma maneira, Pina exerceu um poder sobre mim – eu me mantive fascinada pela sua genialidade calma, persuasiva, confiante, objetiva, honesta, sincera, corajosa, forte e poderosa, única, sagaz, talentosa, altamente sensível, possessiva, compreensiva, generosa e extremamente disciplinada, além de focada criativamente; sua visão sempre me manteve acreditando nas suas criações e nas suas obras. É absolutamente necessário que o mundo continue a ver essas devastadoras, belas e geniais obras de Pina. Eu continuarei a ensiná-las enquanto conseguir sentir a sua presença dentro de mim e desde que eu acredite que ainda consiga fazer isso.

Marcelo de Andrade Pereira – Você provavelmente mudou como artista durante todo esse tempo. Quais foram os momentos que te transformaram durante esse processo?

Josephine Ann Endicott – Como uma artista e com uma experiência de vida sempre se está a crescer. O avanço da idade me cansou um pouco, mas até agora não muito. Eu tenho sido muito sortuda com o meu corpo – nenhuma lesão séria. Quando Pina faleceu, eu me senti completamente perdida e incompleta sem ela. Eu não gosto de falar sobre esse período da minha vida, mas isso me devastou.

Marcelo de Andrade Pereira – Se você pudesse dar qualquer conselho a jovens bailarinos acerca do processo criativo em dança, baseada na sua experiência, o que você diria?

Josephine Ann Endicott – Vamos torcer que você [bailarina] seja tão sortuda quanto eu fui e ache a sua própria Pina de um jeito ou de outro!

Marcelo de Andrade Pereira – Quais são os desafios de re-montar um espetáculo com bailarinos não profissionais como em *Kontakthof* com adolescentes?

Josephine Ann Endicott – *Kontakthof* é uma peça atemporal. É claro que ela pode ser executada por bailarinos adolescentes não-profissionais, contudo, eu estava um pouco receosa em função do desafio com os adolescentes, tendo eu própria criado três filhos, assim sei bem quão difícil é lidar com aqueles que passam pela puberdade. Foi difícil. Você tem que tratá-los de forma muito cuidadosa, individualmente, pacientemente e, de algum modo, discretamente, criando condições para que confiem no trabalho a cada semana – a cada mês que passa. Foi uma aventura maravilhosa a que tive com eles. Eu fiquei tão orgulhosa com o resultado final e seu fantástico, jovem, energético e inocente *Kontakthof*.

Marcelo de Andrade Pereira – Você ajudou a construir a história da dança-teatro. Em sua opinião, qual é o legado mais importante de Pina e da sua companhia para o futuro da dança?

Josephine Ann Endicott – Tentar manter o espírito e a humanidade em suas obras, fazendo todo o possível para que elas sobrevivam e apoiar os trabalhos documentais da Fundação Pina Bausch, criada em sua memória e coordenada pelo filho de Pina, Salomon Bausch.

Marcelo de Andrade Pereira – Você acha que a dança-teatro (essa particular espécie de dança e teatro, cuja maior figura foi Pina) persistirá no futuro?

Josephine Ann Endicott – Eu gostaria de pensar e esperar que sim, mas Pina foi uma artista, inventora e instigadora das emoções humanas, incomparável. Ela foi mágica.

Marcelo de Andrade Pereira – Você acha que a dança-teatro no mundo contemporâneo tem o mesmo poder que teve durante as décadas de 1970, 1980 e 1990?

Josephine Ann Endicott – Sim, eu penso que sim.

Marcelo de Andrade Pereira – Hoje nós vemos bailarinos muito jovens sendo admitidos pela companhia, como isso modifica o seu trabalho ou o trabalho de Pina?

Josephine Ann Endicott – Eu tento sempre chegar o mais perto possível da alma e da personalidade da pessoa. Eu estou trabalhando com eles e procuro ser honesta, compreendendo-os e dirigindo-os. Eu tento guiar o bailarino o melhor que eu posso ao longo de todo o difícil caminho, até que eu sinta que ela ou ele possui o papel e que esse não mais pertence a mim. Eu gosto de ver e assisti-los crescer de ensaio a ensaio – de performance a performance.

Bailarinos jovens precisam de tempo para entender e crescer no trabalho de Pina. Infelizmente, eles não a conhecerão pessoalmente. As obras mais antigas que estão sendo remontadas são tão fortes que se espera que eles possam vivê-las e atuá-las, sob o cuidadoso e amoroso olhar dos bailarinos que fizeram parte desde a origem das peças, por muitos anos ainda.

Marcelo de Andrade Pereira – Eu penso que isso te dá muito trabalho. Quais são os desafios de re-encenar as peças mais antigas de Pina como *Die sieben todsünden*?

Josephine Ann Endicott – Neste momento eu estou muito exausta, por conta da montagem de *Todsünden*. Tem sido um trabalho monstruoso. Eu o compararia a um pequeno vilarejo que veio abaixo e que eu preciso construir de maneira fresca e nova para as novas pessoas que o habitarão. Eu não sou uma arquiteta, mas eu tenho as ferramentas necessárias, as pedras e os materiais para fazê-lo. Quando esse programa foi criado em 1976, eu estava lá. Eu dancei o papel principal de Anna em *Todsünden* e tive muitas partes na segunda coreografia, intitulada *Fürchtet euch nicht*. Alguém poderia dizer que eu nasci para essa peça. Eu conheço ela como se fosse minha, como se fosse a minha segunda pele. Eu não me vejo como uma bailarina, mas como alguém que foi dotada com o movimento – não apenas com o meu corpo, mas com os muitos sentimentos que vivem dentro de mim. Minha grande qualidade como bailarina foi a de me manter humana e ser eu mesma no palco todas as vezes, de viver cada performance –

lá, antigamente e agora. Eu sei disso. A última vez que eu performei o papel de Anna em *Die sieben todsünden* foi em Berlim, apenas cinco meses antes da morte de Pina. Eu tinha 59 anos.

Agora, em 2018, eu compartilho a posição de diretora de ensaio com Julie Shanahan. Eu estou feliz com o resultado final e com a mistura de gerações jovem, intermediária e antiga de bailarinos. Foi mais do que maravilhoso ser capaz de dançar novamente essa coreografia na segunda parte. Todos os meus sapatos e vestidos têm 42 anos, são os originais utilizados no ano da criação da peça, em 1976. Isso foi algo muito especial para mim. Atuar novamente foi incrível, como mágica. O público estava mais do que feliz de ter essa excelente noite trazida novamente para o repertório. Obviamente, ninguém poderia imaginar o contingente de trabalho envolvido para trazer essa coreografia mais uma vez com a necessária qualidade e o espírito certo.

Marcelo de Andrade Pereira – E por que você o fez?

Josephine Ann Endicott – Por que eu disse sim a *Todsünden*?! Eu devo estar louca. Eu queria disseminar o meu conhecimento, a minha energia e coragem para inspirar todos os novos bailarinos, não apenas trabalhando com eles como diretora de ensaio, mas também dando a eles a chance de experimentar e serem vivos comigo no palco, uma última vez em memória de Pina Bausch.

Diretor de ensaio é uma função muito difícil para qualquer um que queira fazer isso no *Tanztheater* neste momento. A responsabilidade é enorme. Vamos esperar que a nova diretora artística, Adolphe Binder, encontre o seu caminho em meio a toda a turbulência que se instalou quando Pina faleceu.

Referência

KONTAKTHOF – with ladies and gentlemen over “65”. Paris: L’Arche, 2007.

Este texto inédito, traduzido por Marcelo de Andrade Pereira, também se encontra publicado em inglês neste número do periódico.

Este é um artigo de acesso aberto distribuído sob os termos de uma Licença Creative Commons Atribuição 4.0 Internacional. Disponível em: <<http://creativecommons.org/licenses/by/4.0>>.